

**Notas da Apresentação da Escola de Comunidade
com Davide Prospero e S. Ex.^a Dom Filippo Santoro
por videoconferência de Milão, 25 de janeiro de 2023**

Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de Outro, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2022, pp. 91-110.

Davide Prospero

Boa noite, vamos retomar – na verdade, deveria dizer vamos continuar – o trabalho de Escola de Comunidade. Digo continuar porque o trabalho que fizemos nos últimos meses não foi uma suspensão ou um parêntese. Como veremos agora na introdução que Dom Filippo vai fazer, a retomada do trabalho sobre o livro de Dom Giussani *Dar a vida pela obra de Outro* entra no mérito das coisas que estamos nos dizendo e, sobretudo, no conteúdo da grande proposta que o Papa nos fez com o discurso de 15 de outubro na Praça de São Pedro (sobre o qual, nestes três meses, trabalhamos pessoalmente e em nossas comunidades). De hoje até os Exercícios da Fraternidade trabalharemos a segunda parte do livro, que se refere aos Exercícios de 1998. Com este trabalho concluiremos a Escola de Comunidade sobre *Dar a vida pela obra de Outro*. Após os Exercícios da Fraternidade, retomaremos o Percurso desde o início, trabalhando *O senso religioso*.

Passo-lhe a palavra, Dom Filippo.

Filippo Santoro

Obrigado, uma calorosa saudação a todos! Não digo boa noite porque em outros lugares ainda é dia ou madrugada. De qualquer forma, estamos aqui juntos para retomar as duas palestras dos Exercícios da Fraternidade de 1998 sobre “O milagre da mudança”. É justamente o que o Papa nos indicou e nos sugeriu no último dia 15 de outubro. A intensidade e a beleza dessas duas palestras estão no fato de que descrevem os elementos essenciais que caracterizam e distinguem o nosso carisma de outras expressões e outras formas; indicam a razão da nossa vida e da nossa esperança.

Cantamos: “Quando nós virmos tudo” (*Errore di prospettiva*, C. Chieffo), justamente porque a fé é ver e conhecer. A fé é uma forma de conhecimento. Na palestra que vamos apresentar esta noite, vocês verão essa perspectiva expressa. O fado que ouvimos, típico de Portugal, um fado belíssimo – “porque sem Ti não sei viver” (*Por tudo, meu Jesus*) – nos lembra que o que está em jogo é a nossa vida, não uma religiosidade vaga e genérica. Interessa-nos a vida, interessa-nos a experiência da vida. E o Papa, em Roma, falou – além de sobre o desenvolvimento de todo o nosso potencial (“o potencial do vosso carisma ainda deve ser em grande parte descoberto [...]). Há muitos homens e muitas mulheres que ainda não fizeram aquele encontro com o Senhor que transformou e tornou bela a vossa vida”, disse-nos) – de Dom Giussani educador: “Tinha uma capacidade única de desencadear [desencadear!] a procura sincera pelo sentido da vida no coração dos jovens [a procura sincera pelo sentido da vida no coração dos jovens!], de despertar o seu desejo de verdade. Enquanto verdadeiro apóstolo, quando via brotar esta sede nos jovens, não tinha medo de lhes apresentar a fé cristã” (Francisco, “Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária”, *Passos*, n. 252, p. 30). É a experiência de uma humanidade nova, tocada pelo encontro com o Senhor, com a Sua presença, com a Sua proximidade.

Na palestra intitulada “Deus e a existência” (pp. 91-110 do livro *Dar a vida pela obra de Outro*), Dom Giussani nos fala do “milagre da mudança”. A mudança é um “milagre” porque não podemos planejá-la, ainda que nos esforcemos. A mudança é, ao contrário, sermos tomados por uma novidade de inteligência e afeição (como a contida nestas páginas), que nos surpreende, nos atrai e nos coloca num caminho no qual – pouco a pouco – nos descobrimos diferentes. Estamos sempre diante da primazia da ontologia sobre a ética; a primazia de algo que acontece, de que nos damos conta e nos toca, com todas as suas consequências possíveis.

Somos, então, convidados a procurar entrar na experiência que estas palavras de Dom Giussani indicam. Mas atenção! Diante de palavras que são a expressão de um gênio do humano, não podemos

pretender entender tudo imediatamente: para entender (como aconteceu na nossa vida) é preciso uma história, é preciso tempo, na fidelidade e no pedido (cf. L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Milão: Bur, 2016, pp. 541-542). Entendemos fazendo um percurso, percorrendo um caminho. No início houve um impacto forte, mas depois chegamos ao coração da experiência que nos é proposta.

Com esse realismo e essa humilde simplicidade, começemos a trabalhar juntos.

1. Uma questão de conhecimento

Dom Gius fala sobre a expressão de São Paulo “Deus é tudo em tudo” (1Cor 15,28) dos Exercícios do ano anterior (que retomamos no ano passado), fazendo a pergunta fundamental: como esta afirmação – “Deus é tudo em tudo” – pode incidir na vida? E explica: “‘Deus é tudo em tudo’ [...] não é uma formulação absurda, nem uma afirmação abstrata, é simplesmente algo julgável e compreensível - ou incompreensível - como um fator real da vida” (p. 91), isto é, é uma expressão da razão comprometida com a realidade da vida.

Nossa razão nos diz coisas elementares e simples:

- Em primeiro lugar, nós não existíamos e agora existimos.
- Os rostos mais queridos, as coisas mais belas da vida chegaram a nós como dons inesperados, assim como, para mim, participar deste encontro e ser delegado especial dos *Memores Domini* é um dom impensado e inesperado. As maiores coisas vieram ao nosso encontro!
- Não gostaríamos de ter as provações e as dores da vida.
- Toda a realidade, misteriosamente, atinge os nossos olhos, nos toca, nos fere, dialoga com o nosso coração. Há algo antes de nós (algo antes de nós!) que bate à porta da nossa vida. É o ponto de partida que sempre vimos e aprofundamos em *O Senso religioso*.

“Deus é tudo em tudo” é, portanto, algo a que a razão chega quando está aberta à totalidade dos fatores da realidade, ou seja, quando a razão é vivida segundo a sua verdadeira natureza. Mas, pergunta-se Dom Gius, por que do conhecimento não nasce imediatamente a energia que leva a uma mudança? Porque só o maravilhamento original diante da afirmação de que “Deus é tudo em tudo”, só o maravilhamento original diante do Ser pode ser a fonte de uma mudança ética. Este é um traço fundamental do nosso carisma: a partir de uma atração, de uma força estética, surge uma ética nova. “Somente se for atração é que o Ser pode ser capaz de obter do homem uma atenção que chegue até o sacrifício” (p. 92).

No entanto, nós, que também conhecemos o Senhor como atração, ainda percebemos a expressão “Deus é tudo em tudo” como abstrata. Onde está o nosso erro? A resposta de Dom Gius tranquiliza, mas abre uma luta.

O maravilhamento original – diz Dom Giussani – é dificultado pelo momento histórico em que vivemos. Por isso, é fundamental tomar consciência da mentalidade da mentira em que estamos imersos: “Nós temos de *tomar consciência de uma mentalidade* que, aparentemente exaltando um renascimento religioso, na realidade quer justamente censurar o fato de ‘Deus ser tudo em tudo’, tornando-o abstrato” (p. 92). Embora haja um aparente renascimento espiritual, existencialmente Deus é abstrato, e negado.

Devemos, portanto, em primeiro lugar, perceber o contexto em que vivemos, o humano de que somos filhos “e temos de passar por todos os mal-estares, as tentações, os resultados amargos, mantendo a esperança que é a vida da vida” (p. 93) para nós e para os nossos irmãos homens.

Esta é a situação, e aqui começa a luta à qual Dom Gius nos chama e à qual o Papa nos convidou: “Deus é tudo em tudo” é uma questão de conhecimento, como estar diante de algo que nos deixa tocados, maravilhados e cheios de estupor.

Para entender isso, vamos passar para o segundo ponto.

2. Experiência e razão

No segundo ponto, Dom Giussani aprofunda o tema da irreligiosidade como a origem da negação de que “Deus é tudo em tudo”. Há uma irreligiosidade que começa, sem que ninguém perceba, por uma

separação entre Deus como origem e sentido da vida (portanto pertinente às coisas que acontecem) e Deus como fato do pensamento, como afirmação teórica. Muitas empresas oferecem aos seus funcionários dez minutos de “meditação” por dia (para aumentar a produção, naturalmente!), mas são minutos passados diante de ninguém, momentos de pura introspecção, em que Deus não tem nada a ver (pp. 92-93). “Deus é tudo em tudo” é substituído pela formulação mais comum: “Deus existe”.

“Deus é tudo em tudo” tem, em vez disso, uma pretensão afetiva sobre nós, sobre as nossas famílias, nossos amigos, nosso trabalho. A afirmação “Deus existe” não pede nada da minha experiência, porque é a formulação de Deus como um simples fato do pensamento.

Assim, há uma separação entre a minha experiência – ou seja, o impacto da minha consciência com a realidade – e o sentido da vida, que é Deus (cf. 93). Uma separação entre a minha vida, o meu sofrimento, a minha alegria, o que me acontece, o pensamento, a afeição e Deus. A realidade cotidiana segue um caminho no qual não há mais a referência a “Deus é tudo em tudo”.

Neste ponto, Dom Gius dá mais um passo interessante: “A separação entre o sentido da vida e a experiência implica também uma separação entre a moralidade e a ação do homem: a moralidade, assim concebida, não tem a mesma raiz da ação” (p. 93). Certa vez, quando eu estava no Brasil pouco antes da Páscoa, uma jornalista – totalmente expressão dessa mentalidade – me perguntou: “Padre, como a Páscoa é festejada? Com ovos de chocolate?” “Com o quê?! Com chocolate?!” Isto é o que se diria às crianças, mas dizer aos adultos uma coisa como esta significa que Deus não tem nada a ver com os interesses da vida, com o gosto pela vida. É outro mundo, outra coisa! A vida flui de um lado e a afirmação teórica “Deus existe” permanece – quando permanece – num nível que não incide de modo algum na realidade ou no conhecimento. A moralidade, aquilo pelo qual nos movemos, não é determinada por um acontecimento que nos invade, que nos toca e nos contagia.

A vida é feita de encontros, de problemas, de decisões para tomar. Quantas vezes por dia temos de nos posicionar, na maioria das vezes com aquele imediatismo que certamente não nos permite recorrer a profundas reflexões filosóficas! O que importa, então, é a atitude básica do nosso eu. E, aqui, há uma alternativa radical. Há duas possibilidades.

A primeira possibilidade é que prevaleça o preconceito, ou seja, que partamos de ideias que achamos que são nossas, mas que, na verdade, são aquelas impostas pela mentalidade comum: pela televisão, pelos jornais, pelas mídias sociais (p. 94). Então, caminhamos seguindo preconceitos.

A outra possibilidade é afirmar a realidade, o tu, ouvir o outro, olhar para ele, tentar entendê-lo. Alguns exemplos:

– Diante do pobre que encontramos na rua, não resolvemos a questão dando-lhe esmola, mas olhamos para ele, movidos, comovidos por sua necessidade.

– Diante de alguém que nos tratou injustamente, não prevalece a reação do “justo” ressentimento, mas a consideração de que se trata de uma pessoa como nós, fraca como nós, que também pode errar.

– A alguém que assumiu o risco de criar uma obra, não censuramos o menor erro (quem faz, comete erros!), não o condenamos segundo um conceito de pureza abstrata e violenta, mas partimos de um movimento de simpatia, tentamos nos identificar com ele, perceber a complexidade dos fatores em jogo.

A moralidade que tem a mesma raiz da ação é a alternativa a um moralismo que esmaga o outro, que mortifica toda a criatividade. A coisa mais evidente é quando acontece uma desgraça, pensem em uma das muitas, a guerra, o caso da inundação em Ischia: todos imediatamente procuram as falhas, quem foi o culpado, e não olham para o drama humano que aconteceu. É como ser subjugado por uma mentalidade, então é preciso como que “romper” essa mentalidade. Numa época como a nossa, em que a sociedade tem tanta necessidade do ímpeto de partilha, do risco criativo dos cristãos!

“O moralismo”, disse Dom Gius, “se desgasta, e moralismo é tudo o que é feito por algo que não é, que não flui como expressão de um amor, de uma adesão, de um juízo e de um amor que nos fará aderir, que move a nossa pessoa” (*Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, Milão: Bur, 2007, p. 449).

A substância – e a síntese – da questão que estamos enfrentando é a frase de Jean Guitton que Dom Giussani cita na página 95 e que tantas vezes repetimos: “razoável” é submeter a razão à experiência. Há uma exigência de submeter a razão à experiência, àquilo de que a nossa vida realmente é feita e

não às ideias das quais estamos embebidos e das quais somos constituídos. Proponho a frase inteira, porque nos ajuda a compreender melhor o juízo que Dom Gius dá: “‘Razoável’ – diz Jean Guitton – designa aquele que submete a própria razão à experiência, e em particular quem, na ordem da conduta e da moral, não procura tanto construir um sistema para se justificar, mas encontrar a medida da verdade, proporcional à condição humana” (*Arte nuova di pensare*, Cinisello Balsamo-Mi: San Paolo, 2009, p. 71).

Para defender Deus na sua verdade e para defender o homem, Dom Gius nos pede que retomemos e defendamos a palavra “razão”, que ele considera a mais confusa no discurso moderno.

Quando ela é traduzida como “medida” da realidade, isso implica a razão como um preconceito, como “algo que intervém estranhamente na experiência para diminuir e não reconhecer o que está presente na nossa vida” (p. 95). A razão como medida elimina a atenção a todos os aspectos da realidade e nos diz que “além dessa medida não se pode ir”. Dou dois exemplos muito simples: quando fui para o Brasil, pensava que no âmbito da música não existia ninguém maior do que Verdi, Rossini, Mozart e Beethoven. No entanto, me deparei com a música popular brasileira, repleta do drama da existência. Para citar um compositor, Vinícius de Moraes, em *Samba da bênção*, diz que a vida é feita em igual medida de tristeza e alegria. Então a música brasileira me abriu para outro mundo, assim como algumas de nossas canções, que exprimem as grandes perguntas da vida. Mas se ficamos presos no nosso esquema (“não há nada maior do que aquilo que eu penso”), não nos abrimos à realidade. Outro exemplo mais rasteiro: vocês sabem que morreu Pelé, que para o Brasil (e também para muitos) é o máximo. Mas se você vir Maradona fazendo aquele gol brilhante com a mão, você precisa abrir a razão! É um gênio na sua arte! Mas Pelé continua sendo “o rei”, mesmo que a imprensa argentina diga de Maradona: “É um dos melhores”, deixando a questão em aberto. Entendem? A razão fechada diz: “Não, não pode haver nada fora do que eu programei”. Mas a razão é abertura, uma porta escancarada para a realidade e, portanto, para o que responde plenamente à espera do coração.

3. Três graves reduções

No terceiro ponto, Dom Giussani descreve três casos emblemáticos em que a razão como medida distorce a experiência, influenciando todos os comportamentos da vida. Ouçamos com seriedade, porque não estamos falando do mundo, dos outros. Dom Gius diz: “Estou descrevendo a gênese do nosso comportamento em seu aspecto dramático e contraditório” (p. 96). Aqui, somos realmente educados no nosso caminho, na nossa história, na nossa experiência.

Refletindo sobre essas três reduções entenderemos melhor o que dissemos sobre o uso da razão, sobre o valor da experiência e sobre a redução da moralidade a moralismo.

a) *Em vez de um acontecimento, a ideologia.*

É a prevalência violenta dos preconceitos sobre o fato (p. 97). O exemplo mais clássico relatado no Novo Testamento é a cura do cego de nascença. Aos fariseus, que perguntam: “Quem pecou?”, ele responde: “Há um fato: eu não via e agora vejo”. O preconceito quer eliminar o fato, mas o cego está ali gritando e proclamando uma verdade, um fato que aconteceu.

O exemplo que Dom Gius dá esclarece bem isso: a ocorrência de um desastre ferroviário não nos impacta fazendo com que em primeiro lugar nos perguntemos sobre o mistério da dor e do sofrimento, não nos coloca numa atitude de oração. No centro da atenção se coloca imediatamente a busca pelo culpado desencadeada pela mídia (p. 97) (como eu disse há pouco). Em suma, a razão não se abre ao fato em todos os seus elementos, é imediatamente aprisionada numa gaiola, não é deixada livre para atuar.

Perguntemo-nos: quando somos vítimas dessa dinâmica? Estamos abertos a “viver intensamente o real”? Porque toda a questão é como eu vivo o real, como a minha pessoa está diante da realidade, como dissemos tantas vezes nos últimos anos: será que nós nos ajudamos a vivê-lo, a padecê-lo, a nos deixar interrogar pelo que acontece? Deixamo-nos atingir pelo que acontece, pela realidade assim como acontece? Dou outro exemplo: no início de janeiro, no Brasil, um grande número de pessoas invadiu o prédio do Congresso. Foi uma reação degenerada e, portanto, inaceitável diante do domínio de um pensamento único que abrange a cultura, a educação, a vida, e que quer impor-se em todos os

lugares. É um pensamento único que existe em todos os lugares do mundo, não só no Brasil. Diante disso, uma reação degenerada não ajuda, mas deve emergir um juízo que leve em conta todos os fatores em jogo para haver uma resposta realmente mais humana. Uma proposta que, segundo a percepção cristã da realidade, se sintetiza no pluralismo cultural, que não fecha a realidade em um esquema ideológico predeterminado, mas se abre para um horizonte mais amplo e plural no campo da cultura, da educação e da política. Este é o mesmo critério que se aplica à questão da paz. É desastroso o atalho de reduzir tudo a uma corrida armamentista, enquanto o Papa insiste em outro fator, em outro elemento mais abrangente e mais profundo: o diálogo e a busca séria de negociações diplomáticas.

b) *Redução do sinal a aparência*

Diante da realidade, ficamos parados no aspecto imediatamente perceptível (p. 99). A realidade fica esvaziada. A realidade é sinal, sinal de outra coisa. A criança que dá flores à mãe é sinal de um amor. O valor da coisa é ser sinal de um horizonte maior, de uma realidade maior.

Para compreender esta redução, lembro a história da nossa amiga Hassina perante o Papa. Ela participou de uma das nossas férias e fez um passeio às montanhas. No final, todos disseram: “Lindo!” Então o padre Giorgio perguntou: “Por que foi bonito?” Silêncio geral! E ele disse: “Nem mesmo se todos vocês se unissem, seriam capazes de fazer uma única pedrinha daquela montanha, nem mesmo uma pequenina flor que nasce na rocha... o único que pode fazê-lo é Deus”. Há um Outro, de que a realidade é afirmação, é sinal. E realidade-sinal não diminui a beleza da coisa, mas a exalta, revela a sua razão, o seu significado. O outro, a outra, a pessoa amada é sinal, nos escancara ao horizonte da verdade da outra pessoa. E o horizonte da verdade da outra pessoa nos indica um modo de tratá-la que é moralidade e não moralismo. É atenção ao destino e à realidade. Por isso, reduzir o sinal a aparência é um esvaziamento da realidade.

Ao contrário, quando a razão considera a realidade como sinal, encontra a energia para passar da aparência à plenitude do sinal. Não é bloqueada pela aparência, mas captura uma plenitude ainda maior.

Perguntemo-nos, então: quanto o milagre da presença do outro (em particular, a presença do amado, do amigo) se torna para nós sinal da bondade do Mistério, sinal da bondade de Outro, de uma bondade ainda maior? O extraordinário é que o uso real e leal da razão leva ao limiar do Mistério, e quando o Mistério vem ao nosso encontro e se manifesta a cada um de nós, há a experiência de um abraço ainda maior. Quanto a beleza nos remete a Ele? Quanto a beleza da nossa companhia nos leva a fazer memória de Quem a tornou possível? Sem dúvida, nos damos conta disso nos momentos mais dramáticos, por exemplo, quando o Senhor chama para Si pessoas queridas. A resposta deles é a de quem participa da imortalidade de Deus, da ressurreição de Cristo, da Sua vitória. Mas se tudo é reduzido a aparência, tudo está destinado à destruição. A vida plena é “quando nós virmos tudo”, mas já agora o olhar se abre para a realidade final.

c) *Redução do coração a sentimento*

O sentimento se torna tudo, enquanto coração indica a unidade do sentimento e da razão (pp. 103-104). Uma grande redução acontece quando o sentimento se torna tudo, quando a emoção se torna tudo.

Dou um exemplo. É um testemunho de Dom Giussani, que vocês podem encontrar em *É possível viver assim?*: “Certa vez eu tinha rezado missa às onze horas numa igreja de Milão. Terminada a missa fui para a sacristia – era uma sacristia muito pequena porque a igreja tinha sido bombardeada –, entra uma mulher pálida, com uma menina nos braços, e me diz: ‘Padre – eu nunca a tinha visto antes – meu marido foi embora de casa hoje de manhã’. Eu, assim, à queima-roupa, paro: ‘Quê? E por que foi embora?’ ‘Ele foi embora porque se apaixonou pela secretária.’ ‘Mas vocês brigaram?’ ‘Não, não, não, pelo contrário, ele saiu chorando, dizendo: ‘Estou sofrendo muito por causa da dor que te dou; sinto muito, mas eu tenho de fazer isto, estou apaixonado!’ E segurava a menina, e continuava a beijá-la – vejam a que ponto se pode chegar! – dilacerado porque tinha de deixá-la, mas devia fazê-lo pois estava apaixonado’. Esse é o emblema da emoção erguida como juízo. Explicome? Da emoção erguida como critério de ação, sem juízo. Que quer dizer juízo? Você está

apaixonado, apaixonou-se pela secretária, como pode acontecer com muitos [...] isto corresponde ao desígnio de Deus para a sua vida e, portanto, corresponde ao caminho da sua felicidade, ou não?” Ao caminho da felicidade no seu sentido pleno? “Você se casou, tanto que tem uma filha. Por isso, se você abandona mulher e filha, você trai a tarefa que Ele lhe deu, então não segue mais o caminho da sua felicidade”, diz Dom Giussani (*É possível viver assim?*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, pp. 54-55).

Entendem a importância de julgar a emoção e o sentimento? Eles devem ser julgados dentro de um contexto em que entra em jogo o desígnio maior em que minha vida se encontra: o plano de Deus. Isso é para a sua vida e a vida daqueles que estão ao seu redor! A emoção que um encontro suscita deve ser julgada pela razão.

Perguntemo-nos, então: o que pode me tornar fiel à minha esposa quando me sinto atraído por outra? O juízo sobre o que constrói a minha vida diante do desígnio de Outro, diante do projeto que o Senhor tem para a minha vida, que é uma plenitude, mesmo no sacrifício e no dom de si. O que me torna destemido e criativo diante do meu filho que, depois da covid, está apático e tende a me deprimir também? O que permite que um primeiro impacto de antipatia em relação ao outro não me paralise, mas me abra a um caminho de amizade? São todas situações em que, se o coração é reduzido a sentimento, perde-se o poder de juízo e, portanto, a possibilidade de um caminho. O juízo está dentro de um caminho (isso vale para vocação ao sacerdócio, aos *Memores Domini* ou ao matrimônio), dentro do desígnio admirável em que se encontra a nossa vida.

4. A corrupção da religiosidade

O quarto ponto é uma retomada de todos os temas tratados até agora e aos quais me ative rigorosamente.

Em primeiro lugar, o amor à razão, a confiança na razão, que ele chama de nossa “arma de ataque e de defesa” (p. 108). Pensem nos apóstolos quando encontram o Senhor: a razão é exaltada, é elevada, reconhece, e no reconhecimento da razão entra também a afeição, entra a adesão. Por isso, o ponto forte é o amor à razão, que é o bem do intelecto, mas enquanto unida à afeição, a algo, a alguém que me tomou, que me toma, a alguém que me conquista e me arrasta profundamente. Pensemos em quão pouco confiamos naquilo que a nossa razão torna evidente para nós: diante da responsabilidade a que a razão nos chama, diante daquilo que a razão nos indica, preferimos a comodidade de absorver passivamente o que o poder nos oferece.

Dom Gius insiste mais uma vez na importância de compreender o contexto em que vivemos. Um contexto no qual um sentimento religioso genérico, negando a realidade de “Deus tudo em tudo”, progressiva e inexoravelmente leva à eliminação da religiosidade própria de Cristo e da Igreja (p. 105). A religiosidade é afirmada como uma “crença em algo superior”, mas não aquela religiosidade que é indicada no percurso de *O senso religioso*, da razão que se abre à realidade, que encontra o Mistério, que está diante de Algo diferente de nós, com o desejo de que esse Outro se revele. E quando se revela num encontro, todo o percurso da razão é iluminado e é exaltado. A razão é exaltada e afirmada profundamente.

Recentemente, deparei-me com uma passagem do famoso discurso de Harvard, no qual Soljenítsin acusava a crise do Ocidente, que me impressionou muito, tanto pela coincidência com o juízo de Dom Giussani quanto pelo significado particular que assume neste tempo: “Não examino aqui a eventualidade de uma catástrofe bélica universal e as mudanças que ela implicaria na sociedade humana. Mas, enquanto continuarmos a acordar todos os dias sob um sol tranquilo, vamos vivendo nossa vida cotidiana. Há, no entanto, uma catástrofe já em curso: a catástrofe da consciência humanista religiosa” (8 de junho de 1978). É a redução do humano, da grandeza original do nosso ser.

Prosperi

O mais impressionante – se me permitem – é que estamos na situação de uma “catástrofe bélica”, mas estamos tão adormecidos que nem isso nos abala mais.

Santoro

Ah, sim, as duas coisas estão unidas. Mas esta crise não é apenas do mundo, ela também permeia a Igreja. Tanto que, aqui, Dom Gius insere a poderosa citação da *Carta aos cristãos do Ocidente*, do grande teólogo boêmio Josef Zverina, que nos lembra da necessidade de não nos conformarmos com a mentalidade do mundo, de não assumirmos o esquema do mundo. Ele nos provoca, com uma ironia mordaz: “Leva [vocês] a assimilar-se ao mundo, lenta ou rapidamente, mas sempre com atraso”. Ele nos adverte: “Não podemos imitar o mundo justamente porque temos de julgá-lo, não com orgulho e superioridade, mas com amor” (pp. 106-107).

A incompreensão da necessidade de uma mentalidade diferente da do mundo explica por que na Igreja é facilitada a incompreensão do problema da educação cristã, da missão, da conversão, da própria construção da Igreja. Esses problemas exigem que aconteça uma mudança em nós. Dom Gius conclui: “Através de uma mudança que aconteceu em outros homens com os quais depara, o cristão é ajudado a perceber e a avançar numa mudança de si mesmo. O milagre é esta mudança de si” (p. 108). A mudança da nossa pessoa, com os passos que nos são indicados.

5. Tradição e carisma

Dom Giussani apresenta um quinto ponto em plena sintonia com o que o Papa nos disse no dia 15 de outubro. O último parágrafo da palestra começa com uma frase preciosa: “É preciso que *a fidelidade a Cristo e à Tradição* seja sustentada e confortada por um âmbito eclesial realmente consciente desta fidelidade necessária”. Ou seja, é necessário um contexto, um âmbito, uma experiência.

Nestas páginas vocês vão encontrar muitas das coisas que dissemos nos últimos meses trabalhando sobre o discurso do Papa, que nas palavras dele encontrou um ápice:

- o valor do carisma como dom do Espírito (p. 108);
- o fato de que “não é carisma se não for reconhecido pela autoridade da Igreja, ou seja, pelo Papa” (p. 108);
- a importância de atender com toda a disponibilidade do coração à indicação do Movimento (p. 108);
- a coessencialidade das dimensões institucional e carismática (p. 109);
- a importância de se comparar, no Movimento, com “aqueles que são reconhecidos pela Igreja como fiadores, para ela, da verdade do dom do Espírito” (p. 110);
- o fato de que o Espírito de Cristo “agarra determinadas pessoas [...] para que toda a Igreja seja revigorada e renasça com consciência aos olhos de todos” (p. 110).

Vou retomar algumas passagens relacionadas a esses pontos.

- “Daqui vem a imponente moral da participação num movimento eclesial como *pertencimento* a um âmbito em que o dom do Espírito que vem do Batismo se concretiza em formas demonstrativas e persuasivas. Esse dom do Espírito chama-se *carisma*. Mas não é carisma se não for reconhecido pela autoridade da Igreja, ou seja, pelo Papa” (p. 108).
- “Não há outra maneira pela qual o Espírito nos possa alcançar mais simplesmente, mais persuasivamente, mais potentemente, senão numa realidade presente” (p. 109). Uma realidade presente que está fora de nós, mas que se torna interna a nós, uma presença que está em mim, que me faz tratar os outros como aquele encontro os trataria, como o mistério do Senhor presente os trataria. É um ganho para mim, uma mudança, um milagre. Um milagre que pode acontecer, em que a realidade é tratada segundo aquele bem que vem ao nosso encontro. Os apóstolos, quando encontram com o Senhor, começam a viver de uma forma diferente, começam a se tratar de uma forma diferente.
- “Não há outra maneira pela qual o Espírito nos possa alcançar mais simplesmente, mais persuasivamente, mais potentemente, senão numa realidade presente, num contexto presente. [...] Um carisma reconhecido pela Igreja é dom do Espírito de Cristo que leva a viver a instituição integralmente” (p. 109).

– “‘Um autêntico movimento’, disse João Paulo II, ‘existe, portanto, como uma alma alimentadora dentro da Instituição. Não é uma estrutura alternativa a ela. Ao contrário, é fonte de uma presença que continuamente regenera a sua autenticidade existencial e histórica’” (p. 109).

– Mais uma citação de João Paulo II (que o Papa Francisco retomou em seu discurso): “‘Na Igreja, tanto o aspecto institucional quanto o carismático [...] são coessenciais e concorrem para a vida, para a renovação, para a santificação, mesmo que de maneiras diversas’. [...] Carisma e instituição são coessenciais na definição da vida cristã na Igreja, da vida eclesial. Assim, um movimento é exemplar e demonstrativo, é persuasivo e útil nas próprias dioceses e paróquias para a vida pastoral. A forma de viver o dom do Espírito tem de alcançar capilarmente a personalidade de cada indivíduo” (p. 109). Aqui, há um eco constante do que o Papa nos disse.

– “A pessoa vive realmente o carisma quanto mais compara toda a sua vida com o ideal do próprio carisma [toda a vida! Nós o ganhamos quando comparamos toda a nossa vida], tal como o afirmam aqueles que são reconhecidos pela Igreja como fiadores, para ela, da verdade do dom do Espírito; segui-los [os fiadores da verdade do dom do Espírito] é uma obediência última que procura encarnar até os últimos capilares a imitação de Cristo e a fidelidade à Igreja” (p. 110).

– “O que muda em nós, pela intervenção do Movimento na nossa vida e pela coerência exigida por ele, deve ter início conscientemente, razoavelmente, isto é, deve ter como primeiro lugar de ocorrência o conhecimento, pois tudo o que o homem faz depende do modo como concebe. Portanto, é uma forma de conhecimento o que pode delimitar ou eliminar a concepção a que o mundo nos envia, pela qual Deus é maltratado, não é afirmado como quer afirmar-se, pois Deus se afirma em Cristo. Nós não podemos conhecer o Mistério se Cristo não o afirma para nós. E a Igreja – é uma comparação, não uma blasfêmia – realiza Cristo com mais clareza, com persuasão e com sustento para a realização da vida, através dos movimentos” (p. 110). Giussani termina dizendo que “o Espírito de Cristo, que criou a Igreja e a enviou ao mundo, conforta-a, edifica-a e fortifica-a com os carismas: agarra determinadas pessoas, num ou noutro carisma [não há monopólio do carisma ou dos carismas], para que toda a Igreja seja revigorada e renasça com consciência aos olhos de todos” (p. 110).

Se tivéssemos lido estas páginas com atenção um tempo atrás, teríamos sido poupados de muita confusão no conhecimento, de muitos comportamentos inadequados e de algumas dificuldades.

Conclusão

Gostaria de concluir retomando brevemente os cinco pontos da palestra, sob a forma de perguntas. Perguntas para ajudar no trabalho de seus grupos de Escola de Comunidade ou de Fraternidade. Elas podem nos ajudar a descobrir alguns traços do “potencial fecundo do carisma”.

1. O primeiro ponto aborda um aspecto central do nosso carisma: fala do conhecimento e da prevalência da estética sobre a ética, do encanto, da beleza do encontro ao qual damos sequência. O que isso significa nos nossos dias e na nossa presença nos ambientes de trabalho e de estudo?

2. No segundo ponto, retomamos a frase de Jean Guittou: “razoável” é submeter a razão à experiência, ao fato. Perguntamo-nos: em que circunstâncias este método iluminou a nossa vida, salvando-a do preconceito e do moralismo? Descrevemos como somos libertados do preconceito e do moralismo.

3. Entre as várias reduções da razão descritas no terceiro ponto, gostaria de me concentrar no sentimentalismo, que hoje me parece particularmente generalizado. A ideia dominante é que convém seguir apenas o que se “sente”, que envolve o sentimento. Esse exílio da razão subjugada pelo sentimento tem impacto no nosso modo de viver: pensemos no que acontece na nossa relação com o trabalho, na afetividade e no modo de viver o Movimento, quando o único critério é o sentimento. Atenção, o sentimentalismo é uma coisa e o coração é outra. Porque na nossa experiência o sobressalto do coração é indispensável, o sobressalto do coração diante do acontecimento é essencial, é como o ponto que nos impele, como aconteceu com os apóstolos. Podemos ser frágeis, fracos, mas estamos juntos. Por isso fazemos os dez minutos de Escola de Comunidade preferindo-a a outras coisas, justamente porque (pelo menos comigo acontece assim) retomar textos como estes provoca aquele sobressalto que me revitaliza em relação a todo o meu trabalho.

4. No quarto ponto, Zverina, com a sua carta, exorta-nos à coragem do juízo. Nos últimos anos, muitas vezes confundimos a necessidade de evitar a superioridade no juízo para não parecermos orgulhosos – o que nunca devemos ser – com a renúncia a qualquer juízo. Chegamos ao ponto de teorizar que o juízo é, enquanto tal, “divisivo” e por isso nos afasta do outro. Mas, sem exercer a razão diante das circunstâncias, nossa inteligência se empobrece e a nossa capacidade de encontro diminui. Falo do exercício do juízo, da comparação constante do que o sentimento suscita em nós com o destino, com a verdade, com a nossa vida. Uma pergunta: como podemos fazer nosso o apelo de Zverina? Como podemos nos ajudar – na grande companhia do Movimento ou na nossa comunidade – a responder juntos à solicitação de exercer a razão diante das diversas circunstâncias? É um grande dom o que recebemos, e somos chamados a vivê-lo constantemente.

5. Em relação ao quinto ponto, sobre o carisma, testemunhemos como está se desenvolvendo entre nós o potencial do carisma. Depois do encontro com o Santo Padre, em todos os lugares para onde fui – no Movimento, mas também em muitos círculos da Igreja e fora –, a nossa audiência marcou uma mudança de perspectiva do olhar sobre o Movimento, tanto dentro quanto fora. Foi uma graça e uma maravilha, não só pelo número de pessoas, mas pela cordialidade com que fomos acolhidos, tratados e convidados a percorrer um caminho determinado. Ajudem-nos a comparar a nossa vida com o acontecimento que nos conquista dia a dia.

Na próxima Escola de Comunidade, dia 15 de março, começaremos com alguns testemunhos ou perguntas, que vocês podem enviar para annunciosdc@comunioneliberazione.org
Obrigado a todos pela atenção e pelo caminho desta tarde.

Prosperi

Obrigado, Dom Filippo. Como vimos, um caminho muito fascinante, denso, mas certamente extremamente atual nos espera, sob todos os pontos de vista. O método proposto nestes dois meses – aproveitando a sugestão que Dom Filippo nos deu na primeira apresentação – é que o trabalho comum seja acompanhado por um trabalho pessoal, idealmente diário. Bastam dez minutos, e que esses dez minutos sejam dedicados sobretudo à leitura, compreensão e aprofundamento do texto e, portanto, a deixar vir à tona as perguntas que surgirem da comparação com o texto. É importante que o texto não seja apenas um “pretexto” para depois falar de outra coisa, de modo que nossos encontros – que necessariamente têm ritmos próprios (as Escolas de Comunidade mais frequentes são semanais, às vezes quinzenais) – sejam um momento de comparação real com a proposta feita. Nesta comparação, tenhamos presente as perguntas que Dom Filippo acabou de sugerir, que podem ajudar a orientar o trabalho que faremos. Vocês podem enviar as perguntas que surgirem para o endereço dado, para que da próxima vez possamos começar com um diálogo que resuma o trabalho dos próximos dois meses sobre a primeira palestra dos Exercícios de 1998, da pág. 91 até a pág. 110 do livro *Dar a vida pela obra de Outro*.

O próximo encontro – sobre a segunda palestra dos Exercícios de 1998 – será realizado na quarta-feira, 15 de março, às 21h, nas mesmas modalidades desta noite.

Santoro

Rezemos uma *Ave Maria*, lembrando particularmente as pessoas atingidas pela guerra na Ucrânia e também nossos irmãos mais necessitados em diversas situações de conflito no mundo, como sempre faz o Papa, na consciência de que o anúncio de Cristo escancara o nosso coração a viver todos os aspectos da realidade e, portanto, a comunicar a graça que nos alcançou e nos conquistou.

Ave Maria.